



PUC
RIO

PIBIC 05/06

Nome do Departamento: Instituto de Relações Internacionais

Nome do(a) Aluno(a): *Joana Emmerick Seabra*

Nome do(a) Orientador(a): Nizar Messari

Título do Projeto: “*Segurança e Oriente Médio*”.

CONFLITO EM DARFUR

Aluna: Joana Emmerick Seabra

Orientador: Nizar Messari

Introdução

No dia cinco de dezembro de 2003, o Secretário Geral da ONU para Questões Humanitárias, Jan Engeland, apontou que “Darfur havia se tornado uma das piores crises humanitárias do mundo”.¹ Entretanto, ao iniciar a pesquisa uma das primeiras constatações foi o total desconhecimento das pessoas sobre a crise e localização geográfica da região.

Através da leitura sistemática de reportagens veiculadas pelos principais canais de informação, a segunda constatação foi a difusão de explicações um tanto quanto “simplistas”. Enfatizavam um conflito étnico por recursos escassos entre nômades árabes e africanos sedentários, iniciado em 2003, quando dois grupos rebeldes principais, Justice and Equality Movement (JEM) e Sudan Liberation Movement (SLM), sendo sua variação o Sudan Liberation Army (SLA), teriam iniciado uma série de ataques a postos governamentais em protesto contra a marginalização da região frente a capital, Khartoum, e ao Norte do País. Assim milícias pró-governamentais “árabes” estariam massacrando “negros africanos” das etnias Masalit, Zaghawa e Fur principalmente.

Objetivos

Aceitar a explicação do conflito como uma questão puramente étnica corrobora com uma visão etnocêntrica sobre a história da África, que assim é considerada inexistente, e conseqüentemente com sua marginalização na manutenção de um status-quo. Interpreta-se desta forma um fundamento racionalista embasando tais explicações, como se as identidades fossem dadas, fixas, ahistóricas. Acreditando vivermos uma realidade complexa, tendo os valores, a cultura, e as idéias importância fundamental no processo de co-constituição das identidades, buscaremos a contextualização, a historização das questões. Desta forma, primeiramente o objetivo será tentar romper com a visão “senso comum”, buscando na

¹ UN Responds to the Crisis in Darfur: A Timeline

história eventos que potencializaram um discurso de antagonia entre “árabes” e “africanos”, em sua polarização, e de que forma os interesses dos diferentes atores se relacionam com a retificação desses discursos e a realidade. A partir disto, analisar o decorrer do conflito e os problemas referentes a uma eventual resolução.

Desenvolvimento

A proposta inicial, sugerida pelo orientador, era que fosse feita um levantamento de dados desde a independência do país em 1956, mas principalmente desde o ano de 2002, visto que nesta época pode-se observar o acirramento dos conflitos. Desta forma, através da consulta a periódicos, revistas internacionais, e páginas on-line de diferentes organizações internacionais, governamentais, e não governamentais, além de jornais, foi possível desenvolver uma linear cronológica do conflito unindo as informações em uma tabela no programa de computador “Excel”, comparando os eventos com as atuações correspondentes dos principais atores internacionais envolvidos - Organização das Nações Unidas, Estados Unidos, União Africana, Liga dos Estados Árabes, União Européia, além do próprio Estado Sudanês.

Steve Smith² discorre sobre os problemas da predominância de uma epistemologia positivista, como aponta ocorrer há décadas, devido a conseqüente limitação das possibilidades ontológicas. Teorias estabelecidas como “senso comum” delineiam não só o conhecimento, mas o que pode ser falado, sugerido. A primeira interpretação foi a de haver nos discursos recorrentes sobre Darfur um caráter positivista, que diz descrever, explicar, compreender a realidade, mas ignora seu papel constitutivo. Assim, a tentativa de se desenvolver a pesquisa através de questionamentos críticos parte da premissa que teoria e prática estão ligados, e que estes discursos, apresentando as realidades como dadas, ignoram ser um meio de reprodução destas.

“Defining common sense is therefore the ultimate act of political power. In this sense what is at stake in debates about epistemology is very significant for political practice. Theories do not simply explain or predict, they tell us what possibilities exist for human action and intervention; they define not merely our explanatory possibilities but also our ethical and practical horizons.”(SMITH, 1996,pp.13)

Resumo

² SMITH, 1996, pp.11 a 44

Pode-se remontar a lógica dos discursos desde o processo de islamização da região nos séculos VII e VIII, aumentando assim a migração árabe para a região. Desta forma que vemos uma crescente competição entre a elite Fur dominante e os árabes quanto a escravos, terra, prestígio. Entretanto, apesar dos conflitos e guerras, a relação era uma de coexistência. Esse relacionamento vai ser intensificado por dois fatores segundo Salih³: a intensificação de um mercado escravo e a ocupação turco-egípcia. No século XVIII e XIX o autor aponta algumas injustiças cometidas contra a população de Darfur, seja por taxações excessivas, seja pela escravização de sua população.

Em 1881 temos a revolta Mahdista contra a dominação turco-egípcia, cujas conseqüências foram fortemente sentidas em Darfur. Entretanto Darfur manteve relativa independência em relação ao Estado Mahdista, apoiando a revolta anti-mahdista em 1888, e dessa forma sendo administrado de forma independente por Ali Dinnas até ser submetido à dominação anglo-egípcia em 1916.

Uma região que até então havia sido governada de forma independente, em 1952, época do fim do condomínio anglo-egípcio sobre o Sudão, Darfur não apresentava praticamente nenhuma industrialização. Era sede de uma entre as vinte e três escolas sudanesas, com 56% do investimento total indo para Khartoum (população na época de 2.3 milhões de habitantes) e entre 5 e 6% para Darfur (cuja população beirava 3 milhões de habitantes)⁴.

As décadas de 60, 70 e 80 são marcantes no desenvolvimento dos conflitos no Sudão. Sob o prisma do pan-arabismo, cada vez mais um discurso sobre a superioridade árabe, além de tentativas de impor a Shari`a no país – um dos fatores desencadeadores da Guerra Civil entre Norte e Sul, e em grande parte também rejeitada na região de Darfur.

A década de 70 e 80 também são marcadas pela guerra entre Líbia e Chade, que tornou Darfur arena do conflito. É também a época de entrada de armamentos na região, iniciada aí a prática de armar milícias. Períodos severos de secas e fome levaram de agosto de 1984 a novembro de 1985, o número de deslocados internos se elevar a três milhões e o número de mortos chegando aos 95.000⁵.

Assim a mobilização das diferentes elites políticas polariza ainda mais “árabes” e “africanos”, estabelecendo suas bases de apoio político muitas vezes através do discurso de antagonismo entre “árabes” e “africanos”. Nesta época surgem também grupos insatisfeitos com tais clamores e pouco desenvolvimento atingido, Darfur Development Front, Nuban

³ SALIH, 2005

⁴ PRUNIER, 2005

⁵ Idem

Mountain Congress, Muslin Brotherhood (futuramente National Islamic Front), Beja Congress ao leste, principalmente na década de 60. Em 80 é criado o Darfur Liberation Front, que mais tarde, em 2003, mudará para Sudan Liberation Movement, grupo formado em resposta ao apoio governamental a milícias no sul de Darfur.

Em 89 tem-se um golpe de Estado e o National Islamic Front leva ao poder o presidente al-Bashir, tirando Sadiq al Mahdi e o UMMA da liderança. Al-Bashir cria as PDF- Popular Defense Force- continuando a prática de al-Mahdi de armar milícias. Entretanto, esta prática não surge aí: como citado, o Sudão tem relação muito particular com os vizinhos e podemos remontar a prática de armar milícias ao fim da década de 70 e início da década de 80, uma vez que durante o conflito entre Líbia e o Chade, Darfur tornou-se ponto de combate e motivo de disputa, sofrendo intervenções diretas. Muitos armamentos entraram na região nessa época; por exemplo podemos citar a prática Líbia de armar milícias locais para manter apoio na região, surge aí o conceito janjaweed. Por exemplo em 88, ocorre uma(entre outras) situação de conflito quando milícias Fur tentam impedir a construção de um campo de treinamento perto da de Jebel Marra, com uma demonstração de 40.000 contra a presença Líbia em Darfur.

Em 96 as PDF já ultrapassam em 3 vezes o exército nacional, constituindo-se como uma força paramilitar presidencial. Essas milícias vem desde a década de 80 lutando contra insurgente no sul, sendo recrutados entre jovens simpatizantes ao Muslin Brotherhood, ou seja ligadas ao NIF. O discurso seria de uma Jihad. De acordo com Salih⁶, é quando é disseminada a importância de se defender os familiares, a terra, o gado. A Jihad não somente contra a expansão cristã na África Ocidental, mas também contra os dissidentes no Norte, o SPLM no sul, e contra a população negra não árabe - e aí a idéia de negro como sinônimo de escravo, conseqüentemente o não mulsumano(não legítimo).

Não fica mais clara, entretanto, a distinção entre os PDF e janjawees, falar em milícias árabes é simplificar demais a realidade: muitos dos janjawees são na verdade de origem africana, mas foram ao longo do tempo aculturados, assimilando uma identidade e língua árabe - existe uma conotação social por trás.

A lógica na região de Darfur é muito particular, devido às condições climáticas a região sempre sofreu com período de enchentes e secas. Willemse⁷ tenta mostrar que com o condomínio inglês é criada a noção de Dar(s) – áreas administrativas sob responsabilidade de líderes tribais, por exemplo Dar Zaghawa, Dar al-arabs. Entretanto, os conflitos sempre

⁶ SALIH, 2005

⁷ WILLEMSE, 2005

existiram, mas eram resolvidos através de mecanismos de resolução pacíficos. Com a seca e a fome, as migrações desordenadas levaram a um aumento dos conflitos, com uma diferença: as populações estavam cada vez mais armadas. Os Fur clamam por direitos ancestrais a terra, Darfur para os Fur(Dar/Fur). Ou seja, deve se notar que as insurgências, oposições sempre foram respondidas através da repressão, então ao mesmo tempo que se tem esse movimento das milícias também se tem o movimento contrário, com rebeldes se armando para proteção e cada vez mais partir para ofensivas também.

A situação em darfur é de extrema insegurança, e a estimativa é de que desde 2003 o número de mortos esteja entre 200.000 e 300.000, chegando a 2 milhões o número de refugiados e deslocados internos (refugiados principalmente para o vizinho Chade) . Inúmeros relatos sobre mutilações, torturas física e moral, estupros coletivos, os números e relatos são assustadores.

O que Willemse traz de novo é uma visão que tenta compreender as mudanças sofridas por essa sociedade, destacando a idade dos combatentes, crianças soldados. Assim aponta a erosão dos mecanismos de resolução pacífica de disputas, com crescente questionamentos das lideranças pelos jovens. A marginalização de Darfur e seu baixíssimo nível de desenvolvimento frente às demais regiões impossibilitava cada vez mais que esses jovens se tornassem os “homens” demandados pela sociedade, incapazes de arcar com um casamento, manter uma família. A relação entre grupos sedentários e nômades complica com a crescente extinção do estilo de vida nômade, aumentando a competição por recursos entre os diferentes grupos. Esses movimentos por outro lado causaram muitos casamentos inter-étnicos havendo uma grande miscigenação na população.

Assim a autora⁸ chega a um ponto interessante, considera que as armas trazem uma satisfação imediata, a imposição do respeito, a identificação no grupo, o sentido de controle. Fala em “gendercídio”- por exemplo se basearmos nos números apresentados por organizações como Médicos Sem Fronteiras ou Anistia Internacional, referentes aos crimes de gênero, o estupro sistemático de mulheres; a aniquilação de homens em idade de combate(não antes de assistirem a brutalização das mulheres). Entretanto é muito importante notar que a violência não parte apenas das ações da milícias, mas também dos grupos rebeldes, ainda que menos reportadas.

A comunidade Internacional e o Desenvolvimento do Conflito

⁸ WILLEMSE, 2005

Em 20 de julho de 2002 o governo e o Sudan People Liberation Movement assinam o protocolo de Machakos, primeiro de uma série de acordos para resolução do conflito Norte x Sul. É nesta época também que começam a se intensificar conflitos antes mais esporádicos, com momentos mais expressivos devido à ação conjunta entre JEM e SLA, apoiados por grande parte da população e soldados do exército, grande parte oriunda da região. O governo começa realmente a agir quando do ataque rebelde à região de Nyala el-Fashir, matando 30 soldados e 2 oficiais, ocupando o aeroporto e capturando o Comandante da base das Forças Aéreas. A resposta é massiva, com bombardeios e ataques terrestres por milícias armadas, os janjaweed.

Primeiramente o conflito é tratado como secundário, sendo citado apenas quando das negociações Norte x Sul. Entretanto, com a escalada da violência e dos ataques, sendo o ápice entre meados de 2003 e 2005, o líder das negociações Norte x Sul, vice-presidente Ali Osman Taha, deixa as negociações para tratar de um “problema” em Darfur em fevereiro de 2004. O governo tentou num primeiro momento negar o nível da insurreição, com ataques massivos na tentativa de reprimir definitivamente as ofensivas. Por exemplo, em anúncios públicos, como o de 31 de dezembro de 2003, feito pelo Ministro da Informação al-Zahwi Ibrahim Malik de que “there`s no rebellion in Darfur, just a local conflict among specific tribes. The Government has never armed militias. The propaganda in the west is trying to exaggerate what`s happening” (PRUNIER, 2004, pp.109). Ao mesmo tempo tentava impedir de todas as formas o acesso de grupos de ajuda, como por exemplo, em novembro impede a delegação da USAID e do US Charge d`Affairs a viajar para a região de Nyala. Inicia, assim, uma série de restrições ao acesso de ajuda humanitária, recusando ou atrasando permissão de viagens para a região. Neste momento, o número de refugiados no Chade já chegava a 65.000, e oficiais da ONU estimavam que 500.000 pessoas precisavam de ajuda em Darfur. Em 7 de novembro, apesar da negação do governo de que haveria uma crise humanitária na região, o “UN Office for the Coordination of Humanitarian Affairs” (OCHA) define a situação em Darfur como a pior desde 1988 na região, além da impossibilidade de se conseguir acesso a ajuda humanitária.

Assim a postura do governo Sudanês parece muito pragmática ao longo do processo, uma vez que em seus discursos posteriores à comunidade internacional se apresenta inclinado à cooperação (ainda que sempre levantando o princípio de soberania e integridade territorial), ao mesmo tempo dificultando o acesso da ajuda humanitária, e posteriormente o trabalho da AMIS (African Mission on Sudan), e recentemente não aceitando a substituição da AMIS, liderada pela União Africana, por uma missão da ONU para janeiro de 2007, alegando não

constar nos termos do acordo de paz, o Darfur Peace Agreement, de 5 de maio de 2006, barganhando assim uma negociação gradual mesmo diante das pressões sobre a necessidade de se estabelecer uma mudança rápida, não colocando o processo de paz em risco. Além disso, colabora parcialmente com as investigações do Promotor Luis Moreno Ocampo. São constantes as violações dos acordos com o SPLM e com grupos rebeldes.

Desta forma podemos notar como a atenção da comunidade internacional só vem realmente a crescer em meados de 2004. Entretanto a situação já vinha sendo apontada como calamitosa desde 2002 por diversas organizações, por exemplo, como os Médicos Sem Fronteiras. Após muita pressão da opinião pública, o congresso americano passa uma resolução em 22 de julho definindo a situação como genocídio, o que vai ser feito por Colin Powell em 9 de setembro e pelo presidente Bush, em discurso à Assembléia Geral da ONU, em 21 de setembro. Entretanto desde 2005 diminuiu-se muito a atenção da comunidade internacional sob o conflito, não ocorrendo nenhum tipo de intervenção ou ação que contrariasse o princípio da soberania sudanesa, numa tentativa de se esgotar todos os esforços antes do uso da força.

A situação é reportada pela resolução 1593 do Conselho de Segurança, em 31 de março de 2005, ao Promotor Luis Moreno-Ocampo, do Tribunal Penal Internacional (uma lista secreta com 51 nomes suspeitos é entregue ao promotor do Tribunal Penal Internacional). O governo estabeleceu uma série de comissões especiais, como a National Commission of Inquiry, Ad Hoc Committees, Committees Against Rapes e etc, mas em seu terceiro “Report” (14 junho 2006), o Promotor Ocampo declara que essas ações vem sendo totalmente não efetivas, sendo míseros os números de casos julgados, dando assim continuidade as suas investigações.

O pragmatismo também pode ser observado no discurso dos EUA, que se apresenta como responsável pela atuação da União Africana, como líder da ação desta, ao mesmo tempo que estabelece que o melhor seria uma resposta local ao problema local. A missão entretanto contou com pouquíssimos recursos durante seu mandato, que alias não se estendia à proteção de civis, e foi fortemente ameaçada, coagida, com diversos casos de assassinatos de agentes. O governo sudanês continua insistindo em não aceitar a substituição da missão da União Africana por uma missão da ONU, se opondo a qualquer ingerência externa em seu território.

Conflitos dentro dos próprios grupos rebeldes levam ao surgimento de outros grupos, que negam a legitimidade dos acordos. Um racha dividiu em duas facções distintas o SLA, uma liderada por Minni Minnawi e a outra por Abdul Wahid Mohamed eġ-Nur. Com a finalização de uma “Draft Resolution” para o acordo de paz, “Darfur Peace Agreement”,

assinaram em 5 de maio de 2006 apenas o governo e a facção de Minnawi do SLA. A seguinte facção e o JEM se recusaram a assinar o acordo, embora tenham assinado uma declaração de comprometimento com o acordo em 9 de junho, em Addis Ababa, Etiópia. Em janeiro de 2005 o Beja Congress atacou o porto do Sudão, demandando ser incluído também nas negociações. No mês de junho de 2006 o governo começa a negociar com o Rebel Eastern Front, uma aliança entre dois grupos: o Beja Congress e um menor, Rashaida Free Lions. Com o discurso sobre a marginalização de suas regiões, extremamente importante para a economia sudanesa com o Porto do Sudão, as negociações variam mais acerca de divisão de poder, uma vez que a região já faz parte do “wealth sharing protocol” referente ao Comprehensive Peace Agreement de 9 de janeiro de 2005 entre o governo e o SPLM.

Conclusão

As diferentes regiões também marginalizadas ao longo das décadas demandam participação nas negociações, para assim também desfrutar de uma participação na redistribuição de recursos, poder e estruturas de segurança - têm em comum o apelo pelo desenvolvimento. Nos acordos são levantadas a necessidade de se desarmar as milícias, redistribuir os recursos, dividir o poder, por exemplo, mas existe agora uma situação de conflito generalizado. E aí chegamos a uma questão mais fundamental; há de se pensar que estruturas estão sendo modificadas nessa sociedade, os conceitos internalizados pelos indivíduos. Nas relações entre estes observa-se níveis de violência assustadores. Será possível se chegar a um acordo de paz sem problematizar estas questões? Desde 2003 os números mostram aproximadamente 300 mil mortes e mais de 2 milhões de refugiados e deslocados internos, não mais distinguindo fronteiras, fica o questionamento sobre o papel do indivíduo na segurança internacional.

Bibliografia

- BADAL, R.K. The Rise and Fall of Separatism in Southern Sudan. *African Affairs*, vol.75, No.301
- Ideas on the Background of the Present Conflict in Darfur by Fouad Ibrahim, University of Bayreuth, Germany, May 2004
- PRUNIER, G. *Darfur: The Ambiguous Genocide*. United Kingdom: Cornell University Press, 2005.
- SMITH, Steve. Positivism and Beyond. In: SMITH, Steve, Ken Booth and Marysia Zalewski(eds). *International Theory: Positivism and Beyond*. Cambridge University Press, p. 11-44, 1996
- Sudan: The Darfur Crisis and the Status of the North-South Negotiations. The Crisis in Darfur by International Crisis Group(ICG). *Darfur Rising: Sudan's New Crisis*, March 25, 2004.
- Understanding the Conflict in Darfur by M.A. Mohamed SALIH, Centre of African Studies, University of Copenhagen, 12 April 2005

- WILLEMSE, K. Darfur in War, The Politicization of Ethnic Identities? *ISIM Review*, v.15, Spring, 2005
- Resoluções Conselho de Segurança da ONU. Disponível em: http://www.un.org/Docs/sc/unsc_resolutions05.htm; Acesso em: 5 novembro 2005.
- SUDAN: A NATION DIVIDED. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/1/hi/in_depth/africa/2004/sudan/default.stm; Acesso em: 15 junho 2006.
- IRIN News.org (UN Office for the Coordination of Humanitarian Affairs). Disponível em: <http://irinnews.org/report.asp?ReportID=55067&SelectRegion=EastAfrica&SelectCountry=SUDAN>; Acesso: 10 dezembro de 2005, 17 março 2006, 17 agosto 2006.
- Coalition For The International Criminal Court. Disponível em: <http://www.iccnw.org/?mod=darfur>; Acesso: 20 abril 2006, 04 julho 2006
- The UN Responds to the Crisis in Darfur: A Timeline. Disponível em: http://www.un.org/News/dh/dev/scripts/darfur_formatted.htm; Acesso em: 15 de dezembro de 2005
- USAID, disponível em: http://www.usaid.gov/stories/sudan/ss_sudan_chiefsconference.html; Acessado em 5 fevereiro 2006